

GLADIADORES NA ROMA IMPERIAL: PERSPECTIVAS E ABORDAGENS

*Claudia Patrícia de Oliveira Costa*¹ e *Maria Regina Candido*²

¹Pesquisadora voluntária do Núcleo de Estudos da Antigüidade (NEA/IFCH), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Rua São Francisco Xavier, 524 – 9º andar - Bloco A - sala 9030 - Maracanã – Rio de Janeiro – RJ – e-mail: cliouerj@yahoo.it

²Professora Orientadora, coordenadora do Núcleo de Estudos da Antigüidade (NEA/IFCH), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Rua São Francisco Xavier, 524 – 9º andar - Bloco A - sala 9030 - Maracanã – Rio de Janeiro – RJ – e-mail: medeiacandido@uol.com.br

Palavras-chave: História, Roma Imperial, Gladiadores

Área do Conhecimento: História Antiga

Resumo: O presente artigo pretende desenvolver algumas indagações acerca do papel do gladiador na sociedade romana imperial, em um período que se estende de, aproximadamente, meados do século I d.C. a meados do século II d.C.. Nos propomos a mostrar que, em um período considerado de paz pela maioria dos autores, o gladiador subvertia a ordem instituída em tal sociedade, na medida em que as insígnias e os valores da elite romana se fundiam ao seu corpo, considerado infame e este momento de subversão extrapolava os limites da arena. A subversão, neste caso, se daria de forma sub-reptícia, por meio de apropriação e reelaboração de tais valores.

Introdução

Aspecto importante da vida social romana, os jogos gladiatoriais exercem até hoje uma espécie de fascinação, que se deve, em grande parte à visão banalizada que nos foi fornecida sobre eles. Esta visão, por vezes difundida pela indústria cinematográfica no formato de grandes epopéias nas quais gladiadores-heróis se sobressaíam em tramas, por vezes, pouco verossímeis do ponto de vista histórico, contribuía para a formação de uma imagem negativa da sociedade romana, onde uma elite considerada cruel e sanguinária não hesitava em promover tais espetáculos visando a total manipulação das massas. Tal perspectiva encontra sua fundamentação em uma visão historiográfica surgida em finais do século XIX e consagrada em muitos autores até meados do século XX.

Entendemos que a produção historiográfica de cada período apresenta uma visão de mundo inerente à sociedade em que seus autores se encontram inseridos. Sendo assim, verifica-se uma valorização de obras que dessem conta de fornecer um panorama amplo e completo acerca de um tema, com destaque para a elaboração de dicionários e enciclopédias que se constituem em referência para estudiosos da área até os dias de hoje¹. São obras que sistematizam os fatos por ordem cronológica, privilegiando a documentação escrita, considerada oficial e um caráter informativo.

Contudo, estudos recentes vêm sendo realizados e, com base na análise de várias categorias documentais como grafitos, mosaicos e demais elementos iconográficos, novas indagações no sentido de elucidar aspectos ainda pouco comentados do cotidiano deste gênero de espetáculos vêm sendo postas em discussão. Nos inserindo nesta nova perspectiva historiográfica, pretendemos construir nossa análise, trazendo para o primeiro plano a figura do gladiador, bem como sua interação com a sociedade a que pertencia e os signos inerentes ou a ela atribuídos.

Materiais e Metodologia

No sentido de minimizar os efeitos de generalizações, em nossa abordagem optaremos pelo recorte cronológico já definido: meados do século I d.C. a meados do século II d.C.. A partir de então, selecionamos e nos debruçamos sobre uma documentação textual a saber: as Sátiras de Juvenal². Nos atendo ao caso específico da Sátira VI, conduziremos a análise no sentido de apurar as múltiplas possibilidades interpretativas da figura do gladiador no período supracitado.

De acordo com o método de Análise do Discurso, desenvolvido com base em Greimas², destacaremos o local de produção e de fala do autor de tal documento relacionando-o em seu contexto e avaliando as múltiplas mensagens que este texto poderia conter.

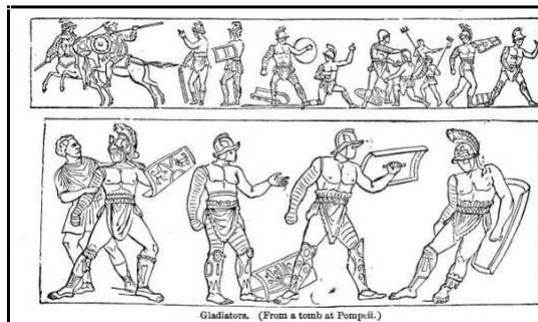
Discussão

Após a delimitação cronológica da abordagem, observamos que grande parte das obras modernas publicadas que contemplam este tema, enfatiza e pauta suas análises nos valores sociais construídos pela elite, condicionando assim, a plebe a um papel secundário. A própria visão do *Pão e Circo* indica a concepção de que a elite imperial usava os jogos porque estaria constantemente preocupada em cercear a ação de uma suposta população de desocupados potencialmente perigosa, visando a manutenção do *status quo*. Para tanto, esta elite oferecia tais espetáculos objetivando entreter o ócio dessa plebe, o que nos leva a perceber a perda gradual da conotação religiosa do combate gladiatorial. Seguindo por esse viés de análise, surgido em finais do século XIX, temos Carcopino que afirma, já em meados deste último século, que:

*“Com efeito os Césares encarregavam-se ao mesmo tempo de alimentar e de distrair. (...) Com as representações que lhe ofereciam nos diversos recintos religiosos ou profanos, no Fórum, nos teatros, no estádio, nas naumaquias, enchiam-lhe e disciplinavam-lhe os ócios...”*³

Percebemos então que, segundo este autor, enquanto houvesse o *pão e o circo*, haveria também o controle social, presumindo-se assim que, somente à elite caberia um papel ativo dentro dessa sociedade e todo o resto seria regulado de acordo com determinações e valores impostos por este grupo social.

Um outro autor, Ugo Enrico Paoli⁴, nos deixa entrever uma visão semelhante, embora defenda ainda a existência de um caráter religioso que seria imanente a essas manifestações. Acordamos com Paoli ao observar tal permanência e consideramos os indícios comprobatórios da existência dessa religiosidade. Constatamos em nossas análises feitas a partir de farta documentação tanto textual como imagética a presença de homens combatendo descalços, como fica evidente na seguinte imagem:⁵



Este fato está sendo apreendido como a necessidade de tocar o solo com os pés nus, que seria então uma reminiscência da sacralidade do rito, da mesma forma que os textos do período relacionados ao tema, nos mostra que as execuções estão sendo praticadas de uma forma muito próxima das execuções ritualísticas. O termo *iùgula*, degola ou mesmo esgorja, que selaria a sorte do combatente vencido, nos remete à forma tradicional de se sacrificar vítimas aos deuses. Este fato poderia se constituir em um dos motivos pelos quais o imperador Marco Aurélio, apesar de manifestar seu desinteresse por tais jogos⁶, nunca os tenha proibido no Império Romano.⁷

Verificamos em autores mais recentes, a preocupação em propor novas formas de abordagem para se tratar do mesmo tema. Neste sentido, Thomas Wiedemann⁸, faz uma abordagem pautada no binômio *fama X infamia*. Contudo, o autor assinala que o gladiador seria uma figura “morta” e somente a partir de sua exposição na arena poderia adquirir *status* e se reintegrar socialmente. Sem dúvida tal afirmativa é válida. Porém, se este *status* fosse tão efêmero e condicionado à arena, que motivações levariam, por exemplo, nobres como o citado na documentação textual ou até os imperadores que ficaram célebres por suas participações em tais combates. Certamente *status*, aquisição de recursos e inserção social não eram preocupação para um imperador. Nos questionamos então sobre as fronteiras aparentemente bastante fluídas que dividiam a condição de marginal, de pária da *fama* e do prestígio.

Resultados

Em diálogo com este autor, Renata Garrafoli nos alerta que “... seu modelo [interpretativo] deixa pouco espaço para outros tipos de relações...”⁸ Este comentário nos parece pertinente na medida que, devemos ter cautela com generalizações que podem advir do uso da documentação sem o devido olhar crítico. O fato de a documentação textual clássica se voltar somente para o problema dos impactos (quer positivos, quer

negativos) de tais jogos nos espectadores relega a figura do gladiador a um segundo plano, ao estigma de figura passiva, que estaria ali na arena tão somente para entreter os romanos com sua morte violenta ou servir de instrumento de manipulação da plebe por uma elite sanguinária.

Nos orientando pela proposta da referida historiadora e analisando a Sátira VI de Juvenal (que tem por tema central a crítica à degeneração dos valores morais das mulheres romanas) percebemos que toda a carga de atributos relacionados aos gladiadores, conferida pela própria elite romana termina por, em última análise, fornecer-lhes subsídios para “responder” a todo este esquema social constituído, por meio de uma linguagem sub-reptícia. Tal linguagem consiste em táticas de sedução de membros dessa elite por meio de atitudes de bravura e coragem, a ponto de estabelecer uma situação de quase equivalência de status entre dois indivíduos de camadas sociais diferentes, que são expressos pelo episódio da fuga da matrona com o gladiador em Juvenal.

Assim sendo, concluímos o presente artigo afirmando que os gladiadores subvertiam as leis, ações e representações impostas pela sociedade romana, não rejeitando-as diretamente ou visando modificá-las. Pelo contrário, conseguiam subvertê-las através de sua maneira de usá-las com finalidade própria e em função de referências estranhas ao sistema imperial, do qual não podiam fugir.

Referências Bibliográficas

[1] São exemplos de tais obras os dicionários de Daremberg-Saglio e Smith, Wayte e outros. Ver.: GARRAFFONI, Renata S.. *Técnica e destreza nas arenas romanas: uma leitura da gladiatura no apogeu do Império*. Tese de Doutorado sob

orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari, IFCH/UNICAMP, Campinas: 2004. - p.p.: 61-84.

[2] JUVÉNAL. *Satires*. Trad. Pierre de Labriolle e François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1951.

[3] GREIMAS, A. J.. *Semiótica e Ciências Sociais*. São Paulo: Cultrix, 1981

[4] CARCOPINO, J. *A vida cotidiana em Roma no apogeu do Império*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d. - p. 248.

[5] PAOLI, Ugo E. “Los juegos circensis”. In: _____ . *URBS; la vida em la Roma antigua* . Trad. J. Farrán y Mayoral e Natividad Massanés. Barcelona: Editorial Iberica, 1990. – p.p. 311-347.

[6] Trata-se da tumba de A. Umbricius Scaurus. O relevo em estuque se perdeu, restando-nos somente representações como esta. Ver: SMITH, William e outros. *A dictionary of Greek and Roman Antiquities*, 1890. Apud.: www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/image?lookup=1999.04.0063.fig10919,

ver também: COARELLI, F. “L’armamento e le classi dei gladiatori”. In.: LA REGINA, A.(org.). *Sangue e Arena*. Roma: Electa, 2001. – p.p.: 153-164.

[7] “...não haver sido partidário dos Verdes ou dos Azuis, dos Grandes-Escudos ou dos Pequenos-Escudos...” In.: MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Livro 1, V. Trad. Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. (Coleção Rubáiyát).

[8] BALIL, Alberto. *La Ley Gladiatoria de Italica* . Madrid, 1961

[9] WIEDEMANN, T. *Emperors and Gladiators* . Londres: Routledge, 1995

[10] GARRAFFONI, Renata S. *Gladiadores e transgressão social: algum as considerações sobre uma nova abordagem social* . Comunicação In: Boletim do CPA, Campinas, n.º 7, Jan-Jun. 1999.